



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11786 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 13 - Educação Fundamental

### ADULTOS E CRIANÇAS NA ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE O CUIDADO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

Rubia da Conceicao Camilo - FAE - Faculdade de Educação da UFMG

Isabel de Oliveira E Silva - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

### ADULTOS E CRIANÇAS NA ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE O CUIDADO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

Este resumo compartilha parte de resultados de uma pesquisa de Doutorado, cujo objetivo é analisar as relações de cuidado entre crianças e adultas(os) de uma escola pública de Ensino Fundamental (EF) da periferia de Belo Horizonte (BH). Focalizamos os dados construídos em novembro e dezembro de 2021, buscando compreender os impactos da pandemia nas relações de cuidado entre os sujeitos.

O levantamento bibliográfico revelou que no EF permanece uma visão das crianças apenas como alunas(os), invisibilizando a condição infantil (KRAMER, 2006) e as relações de cuidado na escola. Além disso, tais investigações voltam-se, em geral, para as(os) docentes (FERRARESI e PINTO, 2015), com reduzida reflexão sobre as crianças, suas famílias e outras(os) profissionais. Identificamos também que as investigações, majoritariamente, não levam em conta as condições de vida das crianças das periferias urbanas. Assim, esses sujeitos permanecem sub-representados nas pesquisas. Tendo em vista esse cenário, pretende-se, com este estudo, contribuir para a compreensão do EF a partir das perspectivas das crianças sobre as relações de cuidado nesse ambiente.

O conceito de cuidado é central nesta pesquisa, que o entende como “uma relação social que se dá tendo como objeto outra pessoa” (HIRATA, 2010, p. 48), o que envolve ações, interações, técnicas e afetos direcionados a atender a necessidade do outro (KERGOAT,

2016). Por envolver reconhecimento e responsabilidade com o outro, relaciona-se também com uma ética e uma moral (MOLINIER, 2012). Nosso objetivo é apreender o objeto a partir também das crianças, articulando os Estudos do Cuidado com os Estudos da Infância (CORSARO; 2011; TISDALL; PUNCH, 2012). Esses estudos compreendem as crianças como sujeitos de direitos, que possuem agência e, por isso, são atores sociais no processo de construção da cultura de pares e da cultura do grupo em que estão inseridos.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, tendo como instrumentos metodológicos: observação participante e conversas informais com registro em diário de campo; entrevistas com adultas(os) e crianças; questionário enviado às famílias para a compreensão dos seus contextos de vida; análise do Projeto Político Pedagógico da instituição e da legislação referente aos protocolos sanitários das escolas públicas de BH. Lançamos mão também de abordagens visuais, como desenhos e fotografias feitas pelas crianças privilegiando a sua escuta a partir de diferentes linguagens (ROCHA, 2008).

Na pesquisa de campo, iniciada em 2021, observamos um grupo de 12 crianças do 1º ano do EF com idades entre 7 e 8 anos. Observamos também o trabalho da professora referência da turma e de outras(os) profissionais que participavam da rotina das crianças. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética.

Dentre os resultados, observa-se que a escola passou por alterações para o retorno das crianças. Identificamos que a restrição nos tempos e espaços externos à sala de aula impactou significativamente as experiências das crianças. Era comum ouvi-las falando sobre o pouco tempo do recreio: “ah não! Não dá para fazer nada, quando eu chuto a bola já acabou o recreio, eu respiro e o recreio acaba!”; ou sobre as restrições nas brincadeiras devido aos protocolos sanitários: “é só sala, não pode brincar de corre cutia porque não pode dar as mãos, não pode abraçar. Oh, sem base! Esse vírus é coisa de quem não gosta de criança!”.

Os trabalhos sobre o retorno das crianças à escola ressaltam a importância dos espaços externos para favorecer o distanciamento físico entre as crianças e a possibilidade de utilizar parques e praças da cidade como espaços educativos (CAMPOS, et al., 2020). No caso desta pesquisa, observamos que o grupo tinha apenas 30min diários fora da sala.

As relações de cuidado entre a professora e as crianças também foram impactadas. O trecho abaixo descreve isso:

Caio tirou a máscara para beber água. Geovana chegou perto da mesa do menino. Caio: “sai de perto de mim, parece que você não sabe que não pode chegar perto de quem está sem máscara”. Geovana pediu para beber água na garrafa de Caio. Caio ficou vermelho e falou: “em que mundo você vive? Não pode beber na minha garrafa, parece que não sabe do coronavírus! Professora ela quer beber a minha água, está aglomerando na minha mesa. Eu não posso vir à escola desse jeito, porque se eu pegar coronavírus...” O menino começou a chorar. A professora pediu que Geovana se afastasse do colega, sugeriu que o menino saísse da sala para beber água e se sentir melhor ao ter distanciamento das outras crianças.

Após a saída de Caio a professora comentou comigo: “é muita coisa para cuidar aqui. Tenho que alfabetizar, me preocupar com aqueles que não voltaram, com os que faltam muito, com aqueles que têm dificuldade, se usam a máscara, se estão aglomerando na mesa do colega, preciso preocupar com a questão afetiva deles, estão sensíveis porque as famílias passaram por muita coisa. Tem horas que fico desnorteada!”. (Diário de Campo, 2021, p. 18).

O cuidado supõe reconhecimento do outro, como também possui uma dimensão emocional, como se pode observar no excerto acima a professora incorporou novas demandas de cuidado, como o uso das máscaras, o distanciamento e, especialmente, com as emoções das crianças e suas famílias decorrentes da pandemia. Percebe-se ainda a alta exigência de disponibilidade emocional que envolve o cuidado no contexto de retorno presencial às escolas. Tais elementos evidenciam a centralidade do cuidado no processo educativo, o que se intensificou com a pandemia de Covid-19. Reafirmamos a relevância desse aspecto como constitutivo da docência e das experiências das crianças. Estas, por sua vez, não apenas o demandam, como também indicam seus sentidos no conjunto de sua experiência na escola.

**Palavras-chave:** Cuidado, Pandemia, Crianças, Infâncias, Educação Fundamental.

### Referências

CAMPOS, Maria Malta; ALMEIDA, Aidê; BARRETO, Ângela; DUMONT, Erica Pena; VIEIRA, Livia Fraga; BAPTISTA, Mônica Corrêia; FOCHI, Paulo Sérgio; COELHO, Rita; CRUZ, Sílvia Helena Vieira; VALVERDE, Sônia Larrubia. Para um retorno à escola que respeite os direitos fundamentais de crianças, famílias e educadores. 1. ed., 2020.

CORSARO, William A. Sociologia da infância. Tradução de Lia Gabriele Regius Reis. São Paulo: Artmed, 2011, 384 p.

FERRARESI, Paula Daniele; PINTO, José Marcelino Resende. Ampliação do ensino fundamental para nove anos: uma conquista de direitos para as crianças?. In: Reunião anual a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 37., 2015, Florianópolis. Anais eletrônicos.

HIRATA, Helena. Teorias e Práticas do Care: Estado Sucinto da Arte, Dados de Pesquisa e Pontos em Debate. In: FARIA Nalu; MORENO, Renata (Org.). Cuidado, trabalho e autonomia das mulheres. São Paulo: SOF, 2010. p.42- 56.

KERGOAT, Danièle. O cuidado e a imbricação das relações sociais. In: ABREU, Alice Rangel Paiva; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa. (Org.). Gênero e Trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais. Boitempo: São Paulo, 2016.

KRAMER, Sônia. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e/é fundamental. Educ. Soc. [online]. 2006, vol.27, n.96, pp.797-818.

MOLINIER, Pascale. *Ética e trabalho do care*. In: HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya (org.). Cuidado e Cuidadoras: as várias faces do trabalho do care. São Paulo: Atlas, 2012.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (org.): a escuta de A criança fala

crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008. p. 43-51.

TISDALL, E. K. M.; PUNCH, S. *Not so 'new'? Looking critically at childhood studies*, *Children's Geographies*, v.10, n.3, p. 249-264, 2012.